

Há uma velha questão, que vem preocupando seriamente a humanidade, tão velha que parece remontar a uma época anterior à fase gregária da constituição do primeiro clã ou núcleo social. Quero referir-me à educação.

Com ser assim tão velha, não deixa também de ser da mais flagrante atualidade. Direi mesmo que ela constitui a principal preocupação dos estadistas modernos, porque nunca se aquilatou tão bem dos benefícios da educação, como nos dias em que vivemos. Tem esta ciência a sua história, que se confunde com a própria história da civilização dos povos. Acompanhá-la passo a passo, no seu desenvolvimento sucessivo, através do tempo e do espaço, é acompanhar a marcha ascensional do progresso humano.

A princípio, eram os chefes da família que se encarregavam de educar a prole. Ao pai tocava o papel de ensinar aos filhos o manejo dos instrumentos agrários, o cuidado do rebanho, a aquisição dos bons hábitos, a prática da solidariedade, o culto dos antepassados e o respeito à divindade. Competia à mãe enriquecer as filhas das principais prendas domésticas, necessárias à sua nobilitante missão de companheiras do homem e de donas de casa.

Mais tarde, surge a tribo, formada da reunião de famílias, que se aglutinam para a defesa dos interesses comuns. A vida em conjunto, vivida em bases mais amplas, traz, como consequência, necessidades novas, que alargam a esfera da educação. Acentua-se, destarte, a carência de um espírito maior de solidariedade, abrangendo todos os membros da tribo; impõe-se o imperativo de restringir o pátrio poder, para robustecimento da autoridade geral do chefe; nasce a conveniência de um maior adestramento nas armas, para mais perfeita garantia e segurança da comunidade.

Finalmente, do congresso das tribos surge o Estado, sob a égide do direito, e, com êle, outras exigências aparecem, decorrentes da situação jurídico-social criada. Restringe-se a liberdade individual, para melhor acautelar o interesse coletivo. Embora sejam idênticos os direitos e iguais as obrigações para todos, na esfera estatal, essa igualdade perante a lei, que o Estado estabelece, não impede que, na órbita econômica, se criem situações de verdadeiro contraste entre as várias classes sociais. Dêsse contraste, ocasionado às vêzes por fatores puramente individuais, a que não é estranha a atividade ou o espírito de iniciativa de uns e a indolência de outros, resulta entretanto, ao lado da riqueza, a escassez em face da penúria, que o Estado, ao seu propósito de proporcionar a felicidade a todos, procura apaciar, tanto em auxílio das mesmas circunstâncias de sorte. Assim se ex-

plica a criação de muitas instituições que objetivam, por meio da assistência, corrigir essas diferenças econômicas, oferecendo iguais oportunidades a todos, de maneira que o pobre se sinta mais feliz na sua escassez e o rico menos orgulhoso na sua fartura. É, por certo, a escola um dos meios assistenciais mais eficientes, de que o Estado se serve para esse nivelamento. E quem diz escola, diz educação.

Pouco importa que o conceito de educação tenha variado, segundo os tempos. Ela foi sempre a salvaguarda e a garantia do Estado. Deve-se essa flutuação à maneira de cada um considerá-la, ou antes, ao ideal educativo de cada povo. Numa sociedade religiosa, o objetivo da educação é preparar o homem para uma eternidade feliz, na outra vida; num grupo social materialista, o fim da educação é propiciar-lhe a felicidade na terra, com a fruição de todos os prazeres, que a vida lhe possa proporcionar.

Entre êsses dois pontos extremos, há outros intermédios, que dependem do ângulo em que o indivíduo se coloca, no encarar o objeto da educação.

Assim, para Sócrates, o fim da educação é a posse da verdade; para Platão, a perfeição da alma e do corpo; para Aristóteles, a felicidade pela prática da virtude; para Rabelais, a formação do homem completo, habilitado a triunfar na arte e na indústria; para Montaigne, a arte de formar homens, não especialistas; para Locke, a posse de um espírito sã num corpo também sã; para Rousseau, a formação de hábitos; para Pestalozzi, o desenvolvimento natural, progressivo e sistemático de todos os poderes humanos; para Froebel, a realização de uma vida fiel, pura e santa; para Spencer, a preparação para uma vida completa; para Dewey, a eficiência social ou a própria socialização do homem.

No meio dessa grande variedade de conceitos, porém, uma coisa logo ressalta, com tôda a evidência: é que a educação visa a preparar o homem para uma vida melhor. Bastaria isso para justificar o grande interesse que os povos têm manifestado e continuam a manifestar por ela. É que, em todos os corações, vive e palpita a ânsia eterna de felicidade. Não importa que os homens, no dizer do poeta, a ponham sempre fora do alcance das mãos. A simples idéia de sua posse um dia, alenta-os em seus desfalecimentos, dá-lhes fôrças para não esmorecerem na interminável jornada. Muitos tombarão, é certo, mas, nem por isso, deixarão outros de continuar a marcha, impulsionados pela esperança.

Se é verdade que o prazer da conquista reside às vêzes mais nas tentativas que se empregam para efetivá-la, do que na própria conquista, assim também, a luta em prol da felicidade, por mais árdua que pareça, dá origem aos melhores momentos oportunos para se julgarem felizes. E muitas, com isso, se julgam subitamente compensadas das amarguras e das angústias de outras que lhes dão.

Se a educação é isso que acabamos de ver, uma escola que se inaugura, é uma oportunidade que se abre ao povo para a realização do seu ideal de felicidade.

Bendito, diz o poeta, é "o que semeia livros, livros a mancheias, e manda o povo pensar" - bendito, repito eu, é o que constrói escolas para a infância e lhe dá mestres capazes de assegurar-lhe um futuro feliz.

Nada falta ao brilho da cerimônia a que assistimos. Não basta o fato auspicioso de ser este acontecimento a inauguração de um grupo escolar. As circunstâncias que o cercam são de molde a realçar, ao máximo, o seu esplendor. Aqui está o Sr. Governador do Estado para, com a sua presença, prestigiar estes festejos inaugurais. Aqui se encontra o povo, o nobre povo de Resende, de tão ricas tradições, integrado pelos seus elementos mais representativos. Aqui estão as autoridades civis e militares, congradadas com o povo, nesta hora de grande regozijo para a família resendense.

Como não devem rejubilar-se os manes de Luís Pistarini, ^{Bezuel} ~~Narcisa~~ ^{Freira,} Amália, Luís Murat e Gomes Leite, ao contemplarem, lá das alturas, a apoteose desta hora, ~~auspiciosa,~~ em que se chanta, na história gloriosa de sua terra, um novo marco de civilização. Eles que amaram a arte, na sua expressão mais elevada; eles que glorificaram a beleza, em suas manifestações mais puras; eles que exaltaram a cultura, nos seus aspectos mais legítimos; não de sentir, certamente, que nenhum benefício maior poderia ser feito ao seu berço do que dar-lhe um novo templo de educação, nenhuma homenagem seria maior para os seus conterrâneos do que essa de escolher, para patrono do novo estabelecimento de ensino, o nome do poeta extraordinário, cujo culto, longe de arrefecer ou diminuir com o tempo, ao revés, mais se avoluma e cresce - OLAVO BILAC.

"Ninguém, como êle, disse um de nossos críticos, soube fazer vibrar mais forte a corda do patriotismo na alma da mocidade. Poeta, cronista e orador, - em qualquer dessas fulgurantes facetas do seu omnímodo talento, foi sempre um adorador encantado da beleza eterna, onde quer que ella se lhe deparasse. Esteta, na mais nobre acepção do termo, ninguém, antes dêle, havia amado mais sinceramente a nossa língua. A sua prosa, não menos que o seu verso, é deveras um primor: tem correção, brilho, singeleza e naturalidade. É Bilac, talvez, no Brasil, o artista mais completo da palavra".

De Homero disse, com justiça, Platão que êle civilizou a Grécia: "Τὴν Ἑλλάδα πεποιθεύκεν ὄψος ὁ ποιητής. Não será exagero também afirmar-se que Olavo Bilac contribuiu poderosamente para a civilização do Brasil. Sim, ^{contribuiu para a nossa civilização} ~~ele civilizou o Brasil~~, pelo magistério da palavra falada e escrita, ensinando às criancinhas o respeito às tradições e o culto aos antepassados; ^{contribuiu para a nossa civilização} ~~civilizou o Brasil~~, despertando, na mocidade patriótica, o amor ao estudo e acendendo-lhe na alma a flama sagrada do patriotismo; ^{traz para uma civilização mais ampla e elevada}

que é a sua obra, catecismo de luz onde se abeberaram os espíritos eleitos dos que nasceram para a imortalidade.

Tão alto se elevou Bilac no conceito dos seus contemporâneos que, ao ficar vaga, pela morte, a sua poltrona, na Academia Brasileira de Letras, chegou-se a afirmar que se não lhe deveria dar sucessor, naquela instituição, porque poeta nenhum no Brasil parecia digno de sentar-se na cadeira que êle dignificou com a sua arte maravilhosa.

Sentiu Amadeu Amaral o peso da tremenda responsabilidade, com que arcava, ao candidatar-se à sua sucessão. Por isso, confessou logo, de início, que se não podia ter o arrôjo de querer substituir Bilac, podia, contudo, aspirar modestamente a suceder-lhe. "Assim, dizia êle, o que eu solicitei não foi senão a vaga de acadêmico. Quanto ao poeta, não quero nem invejo outra glória, senão a de cultuar-lhe a sagrada e formosa lembrança".

Olavo Bilac não é, em nossa língua, apenas um autor, êle vale por uma literatura inteira, como de Camões disse Schlegel. Desde que apareceu no cenário da literatura nacional, foi um triunfador. Atravessou, como um meteoro, as camadas superiores das nossas letras, em pleno zênite, sem conhecer ocaso.

Bastar-lhe-ia a glória de ter sido um dos maiores poetas brasileiros. Mas há outros títulos, não menos gloriosos, pelos quais merece a nossa admiração. É que não ficaram, em plano inferior, as excelêntes qualidades de cronista e orador, que êle foi.

Em tudo o que escreveu, pôs sempre aquela nota de exaltação e encantamento, aquêle traço vigoroso e forte, que é bem um dos característicos de sua personalidade de escritor. Conta-se que Vergílio compôs, êle próprio, o seu epitáfio: Pascua, boves, duces... cecini. Cantei as pastagens, os bois e os capitães. Mais curto seria, sem dúvida, o epitáfio de Bilac. Três palavras apenas, mas as suficientes para resumirem tôda a sua vida de artista completo: Omnia pulchra cecini. Cantei tudo o que era belo.

Nas menores cousas, vislumbrava-se-lhe o gênio. Disse um poeta francês que, mesmo pelo caminhar do pássaro, se sabe que êle possui asas: "Même quant l'oiseau marche on sait qu'il a des ailes". Êste pensamento se ajusta perfeitamente a Olavo Bilac. Ainda quando desce do Olimpo e descalça o coturno, para tratar de assuntos familiares e comuns, sente-se o poder da sua imaginação criadora, percebe-se que êle tem nos flancos as asas de um condor andino.

Nenhuma homenagem seria mais aceita ao poeta, se êle vivo fôsse, do que esta que hoje lhe tributamos, inscrevendo o seu nome ~~imortal~~ na fachada dêste Grupo Escolar. Com efeito, quem levou, como êle, uma longa fase da existência a escrever livros admiráveis para a ~~petisada~~, - devotando nisso o seu grande amor às crianças, - haveria certamente de sentir-

a morte nada mais é que o comêço de uma outra vida, quiçá mais feliz e gloriosa, a alma do poeta, a esta hora, estará prelibando, no outro mundo, as doçuras do momento presente, em que se levanta para exaltar os seus méritos a voz consagradora da posteridade.

São já, sem conto, as oportunidades, em que tenho manifestado o meu agradecimento ao titular da Secretaria de Viação e Obras Públicas, pela entrega de prédios escolares. Aqui, mais uma vez, quero externar-lhe o meu reconhecimento pela magnífica obra de engenharia que acabo de receber, e estou certo que êste agradecimento tem a apoiá-lo tôdas as vozes da infância desta terra.

Um momento mais, e terei pôsto remate à minha oração. Quero falar agora especialmente a vós, mestras e discípulos do Grupo Escolar Olavo Bilac. Não olheis para a vida boêmia do vosso patrono. As próprias gemas, por mais preciosas que sejam, podem conter jaças. Mas isso não lhes tira o valor. Êle viveu uma época diferente, viveu como viveram os poetas do tempo, sem as preocupações rasteiras do comum dos homens. Viveu, como vivem os predestinados, sem desassossêgos nem inquietações, livre como os pássaros, cujo destino é apenas cantar. Olhai sômente para o exemplo magnífico que nos deixou, de devotamento ao estudo e de amor à Pátria. Fazei, como êle, dêsses dois sentimentos a razão de ser da vossa existência. Dedicando-vos ao estudo, engrandecereis a Pátria; amando a Pátria, tereis cumprido o mais nobre e sagrado dos vossos deveres de brasileiros.